

Raio-X de como se portam os muito ricos

Gabriela Caseff

Folha de S. Paulo, 27.ago.2025 às 6h00

Michel Alcoforado, antropólogo, se infiltra entre ricos e publica 'Coisas de Rico'

Ser confundido com um rico foi a maneira que o antropólogo [Michel Alcoforado](#), 39, encontrou para pesquisar o comportamento dos milionários e [bilionários](#) brasileiros. Ao se infiltrar durante 15 anos nas camadas mais endinheiradas da sociedade, com ajuda de amigos bem relacionados, ele buscou entender como esse 0,01% dos brasileiros reproduz desigualdades.

Demorou um tempo até que Alcoforado, que pesquisa os impactos do consumo no país, fosse aceito nos "petits comités", nas mesas de pôquer, nos iates e sofás de linho dos apartamentos mais caros da América Latina.

Para se aproximar do seu público-alvo, diz, precisou perder 40 quilos, refinar o paladar, assinar revistas de comportamento, decorar sobrenomes, inventar uma secretária pessoal e, claro, comprar "mocassins marrons, calça bege, óculos de tartaruga e blazer azul-marinho com botões dourados de [Miami](#)".

Essas "coisas de rico", como ele define, ajudaram a burlar os esforços dos ricos em brejar sua entrada nas altas rodas —e batizaram seu livro que acabou de ser publicado, com a primeira tiragem esgotada antes mesmo do lançamento, segundo a editora Todavia, que vendeu 9.000 exemplares e está imprimindo outros 7.000.

"O tema da desigualdade é muito pesquisado por sociólogos, economistas e estatísticos. No livro busco entender como ela se reproduz nas micropolíticas cotidianas", diz ele, que no ano passado lançou "De Tédio Ninguém Morre - Pistas para Entender os Nossos Tempos" na editora Telha.

Com o autor inserido nos diálogos, o leitor se vê de camarote num passeio em Genebra com uma herdeira indecisa sobre um perfume de 15 mil euros (spoiler: ela compra). Em outra passagem, senta à mesa com um bilionário que, prestes a fechar negócio importante na Faria Lima, suja a roupa de molho de tomate e lascas de parmesão.

"A assistente ligou imediatamente para a Ermenegildo Zegna, loja italiana classuda, dois pisos acima do restaurante, no shopping chique da cidade. O gerente atendeu e convocou seus alfaiates. [...] Em duas horas, tudo pronto. Se não fossem os mais de R\$ 90 mil deixados no caixa da loja, alguns diriam ter sido um milagre."

"Exemplo do fascínio dos brasileiros pelos ricos", diz Alcoforado, que ganhou o apelido de "antropólogo de luxo" durante o estudo e fundou um hub de empresas de pesquisa de mercado e consultoria de tendências. "Eu digo que sou de classe média, como qualquer rico diria."

O antropólogo defende que há um traço comum a boa parte desses endinheirados: eles não se consideram ricos. Sempre haverá alguém com mais dinheiro, mais pompa, mais patrimônio, mais próximo do topo da pirâmide.

"Ninguém se acha rico no Brasil. Os ricos são sempre os outros", afirma ele, acrescentando que os personagens do livro não se deram conta de que eram objetos de estudo, ainda que fossem alertados de sua investigação.

Outra tese do autor é de que existe uma "operação da distinção à brasileira" para criar fronteiras invisíveis e demarcar posições sociais. "Ter dinheiro é importante, mas jamais será suficiente. É uma dura [batalha simbólica das elites](#) para manejar fronteiras e convencerem a si mesmas, e aos outros, de quem são."

Ao longo do livro, de linguagem direta e permeada por humor, Alcoforado mapeia dois tipos de endinheirados, separados por um certo ranço de classe.

Os primeiros são os nascidos em berço de ouro, com sobrenomes famosos e séculos de investimento na distinção, muito associados ao [quiet luxury](#). "Um luxo capaz de sussurrar que é para poucos, em vez de gritar o dinheiro que se tem, em tons pastel ou cores escuras, e sem logos visíveis", detalha.

Já os emergentes buscam lugar ao sol com exibição farta de suas aquisições. "Eu estou sempre preparada, gente. Eu sei como funciona", diz a personagem Claudette, prestes a embarcar para Miami.

"Chego ali, coloco minha bolsa Louis Vuitton no balcão, tiro minha carteira Michael Kors, assino com minha caneta Montblanc. Minha capa de celular é da Chanel, minha niqueira, da Gucci, meu sapato é Louboutin, meu casaquinho é Tom Ford, meus óculos são Prada. Pode até ter uma coisinha falsa, mas tudo falso não dá."

Para horror dos bem-nascidos, os novos-ricos não precisam frequentar clubes chiques para saber compor o próximo look. Basta chafurdar nas redes sociais, que democratizaram o conhecimento das coisas de rico. "Toda vez que uma blogueira de luxo exibe uma bolsa que só seria descoberta em [Paris](#), morre uma bolsa no armário de um rico", brinca Alcoforado.

A risca no chão aos "de fora" fica evidente em um encontro narrado com o empresário Roberto Macri no bairro paulistano Cidade Jardim. Depois de aguardar no meio-fio da calçada, o antropólogo foi convidado a entrar na mansão.

Esperou o "patrão" tomar seu banho e assistiu, sem ser convidado, ao café da manhã do grã-fino, com frutas, sucos, iogurtes e até champanheira, em um "silêncio que gritava o abismo hierárquico que nos separava".

Sem saber em qual sofá sentar ou como puxar conversa, Alcoforado ficou quieto. "Roberto sacou minha estrangeirice, dominou o encontro e me impôs no lugar de dominado."

"O encontro com a diferença é terrível", diz ele agora. "A todo momento você é lembrado de que não é parte. E não há maior violência do que a impossibilidade da construção de um vínculo de pertencimento."

Apesar de mapear a produção de desigualdades, "Coisa de Rico" não trata de política ou questões de raça.

"É porque a distinção à brasileira, essa loucura por coisificar relações, atravessa esquerda e direita. E também porque os ricos são tão racistas quanto qualquer outro integrante da sociedade brasileira", diz Alcoforado, que é negro e "engoliu fundo certas violências em nome da pesquisa".

Quinze anos depois de sua primeira incursão na high society, o antropólogo que trocou as sandálias de couro pelos mocassins elege duas coisas que ainda o chocam: as elites acharem que desigualdade é problema de Estado, não delas, e o comportamento da classe média.

"Ver gente parecida comigo andando de carro blindado e pagando escola bilíngue para o filho me choca. É um modelo absurdo de sociedade em que todos precisam parecer mais ricos do que são."